

Saúde do brasileiro preocupa Figueiredo

BRASÍLIA — Entre tantos problemas que nos afligem, está em primeiro lugar, sem dúvida, o da saúde do homem brasileiro, paralelamente ao da educação da criança" — disse ontem o Presidente João Figueiredo, ao receber em seu gabinete do Palácio do Planalto a visita dos secretários de Saúde de todos os Estados. Os senhores sentem tão bem quanto eu — acrescentou Figueiredo — as dificuldades que o País passa para atender, na prioridade necessária, aqueles pontos para que a nossa aflição não fosse tão grande quanto esses dois aspectos".

O Presidente referiu-se em seguida, em rápido pronunciamento de improviso, tendo aos lados os ministros Jair Soares, da Previdência, Valdir Arcoverde, da Saúde, à disposição dos secretários de Saúde estaduais, que, apesar dos poucos recursos, "insistem em encontrar soluções, administrando aquilo que não existe e trazendo um pouco de alento a cada um de nós, buscando soluções que, se não remediam, pelo menos dão esperança de um amanhã melhor". Os secretários de Saúde estão reunidos há dois dias com o ministro Arcoverde, debatendo aspectos de uma nova política nacional de Saúde.

O secretário paulista, Adib Jatene, falando em nome de seus colegas, destacou esta forma de consulta, classificando-a como "profundamente democrática, pois democracia não pode ser o sistema de liberdade para impor, e todos nós temos nos defrontado com grupos que, quando vem discutir, na verdade querem impor sua opinião, conquistar aliados ou identificar adversários". Destacou o secretário ser importante criar o modelo brasileiro de saúde, "levando em conta nossas limitações, deficiências e perplexidade, além dos aspectos positivos que permitem um trabalho conjunto de descentralização, e participação de todos quando o verdadeiro interesse da população é identificado".

Os sistemas de saúde são diferentes nos países comunistas, socialistas ou capitalistas, e o brasileiro tem que ser baseado em nossa realidade — acrescentou Jatene — destacando que as conquistas tecnológicas devem ser incorporadas à área médica, pois atingem diretamente o homem no que ele tem de mais caro, que é a saúde e a própria vida. O secretário paulista disse que a atenção primária da saúde deve ser definida como responsabilidade governamental e criada uma fonte específica de recursos vinculados que garantam sua instalação e operacionalização.

No caso de São Paulo, o secretário comentou que está sendo criada uma rede de postos de saúde estaduais e municipais descentralizados, de fácil acesso à população, além de hospitais de pequeno e médio porte para atendimento de urgência e resguarda.

Na capital de São Paulo, conforme citou, para uma população de 5,7 milhões de pessoas, existe 0,96 leitos para cada mil habitantes, mas há regiões no Estado com até 300 mil habitantes sem um leito sequer. Enquanto isso — prosseguiu Adib Jatene — na zona central onde vivem 1,1 milhão de pessoas temos 13 leitos por mil habitantes, e essa distorção se pretende corrigir impedindo a expansão de leitos nas áreas já atendidas.